

# Trabalho e Família na Percepção de Mulheres Provedoras

Work-Family Linkages: perceptions of women who are providers

Lana Claudia Macedo da Silva

**Resumo:** o artigo resulta do quarto capítulo da tese de doutoramento. Objetiva analisar a relação entre as categorias trabalho e família na percepção de mulheres provedoras. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. O resultado revela o caráter paradoxal das categorias estudadas, conferindo, simultaneamente, duplicação de afazeres e autonomia a essas mulheres.

**Palavras-chave:** trabalho, família, mulheres.

**Abstract:** the paper is based on the fourth chapter of my PhD dissertation. It aims at analyzing how women who are providers conceive of work-family linkages. Semi-structured interviews were employed to collect data. Findings reveal the paradoxical characteristics of the investigated categories once they provide those women with autonomy despite the extra burden of double working hours.

**Keywords:** work, family, women

---

---

Lana Claudia Macedo da Silva é Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais (DFCS) da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

**E-mail:** lanamacedo@ig.com.br

---

---

## INTRODUÇÃO

As cinco últimas décadas do século XX marcam período de intensas transformações no mundo e, particularmente, na sociedade brasileira. Muitas dessas mudanças estão relacionadas ao universo feminino, desde a maior participação da mulher no mercado de trabalho, redução da taxa de fecundidade, ampliação da escolaridade feminina e expansão dos domicílios chefiados por mulheres.

Estudos revelam que, apesar da maior visibilidade social desse fenômeno, não se trata de algo recente, sua presença percorre as diferentes épocas históricas conforme pesquisas do período colonial brasileiro (SAMARA, 1993, 1989, 1999, 2003; WOORTMANN, 1987, 2004; SCOTT, 2002, 2011; DIAS, 1985).

No Brasil, em dez anos cresceu o número de domicílios que têm a mulher como principal ou única provedora: passou de 22,9% em 1995 para 30,6% em 2005 (IBGE, 2005). Ante a necessidade de compreender esse universo, a proposta deste estudo é analisar a relação entre as categorias trabalho e família na percepção de mulheres provedoras. As pesquisas do IBGE constituem um indicativo da ampliação do número de mulheres provedoras no Brasil. A imprensa falada e escrita constantemente divulga noticiários evidenciando o crescimento desses arranjos familiares na sociedade.

### 1. Perfil das Mulheres Provedoras

O grupo de interlocutoras era composto por dezessete (17) mulheres da Região Metropolitana de Belém, com idade entre 26 a 72 anos. A faixa etária predominante foi de mulheres de 50 a 59 anos (5), seguidas pelas de 40 a 49 (3), 30 a 39 (3), 70 a 79 (2) e 60 a 69 anos (1). Essa variedade geracional contribuiu para distintos olhares, comportamentos e significados acerca dos diferentes assuntos contemplados pelo estudo.

No que diz respeito à escolaridade das mulheres, o quadro geral de formação mostra a predominância de um baixo nível de escolaridade. As duas mulheres setuagenárias afirmaram nunca terem frequentado escola, 8 (oito) mulheres possuíam o ensino fundamental incompleto e 7 (sete) haviam concluído o 2º grau, atual ensino médio, sendo que duas delas cursaram o antigo magistério que habilitava para trabalhar como professora e as outras concluíram os estudos por meio de programas financiados pelo governo federal (PRONAF), visando à qualificação de mão-de-obra disponível nas comunidades para o trabalho de agente comunitária de saúde.

O item referente à naturalidade visualiza o contínuo campo-cidade, visto que entre as pesquisadas havia oito provenientes do interior do Estado do Pará, sete da capital paraense e duas migrantes de outro Estado brasileiro (Maranhão). Neste sentido, estudos pioneiros sobre comunidade Amazônica realizados na década de 1950 já sinalizavam para o forte fluxo de pessoas oriundas de cidades e localidades interioranas em direção a capital paraense (WAGLEY, 1977). Desde então, diferentes autores das ciências sociais referenciam a relação de interdependência entre esses dois espaços, expressa no vínculo que se estabelece entre aqueles que migram e os que ficam nas localidades (RODRIGUES, 2008; CANCELA, 2006).

A raça/etnia foi outro elemento presente nos questionários. Optou-se pela autoclassificação e as respostas foram: predominantemente a raça/etnia morena evidenciada em 10 (dez) respostas, seguida pela parda para 3 (três) mulheres, a branca e a negra apresentam a mesma quantidade de respostas 2 (duas) mulheres cada. Ressalte-se que, dentre essas categorias, outras subcategorias foram percebidas, por exemplo, a morena clara (inserida na categoria morena) e a preta (presente na raça negra).

No que tange ao aspecto ocupação ou atividade, todas as mulheres migrantes (8), em razão da falta de estudos e de qualificação,

ao chegarem na metrópole, as alternativas de trabalho foram o serviço doméstico, serviços gerais, babá, faxineiras, lavadeiras de roupas, cria de família, serviços gerais, caixas de supermercado. Em todos os casos estudados, o trabalho significava a sobrevivência individual e familiar é “o ganha pão das crianças”, ou seja, o trabalho era a garantia de alimentação, educação e moradia (ainda que em condições precárias).

Sobre a situação conjugal do grupo estudado, foi registrado: 1 (uma) não havia constituído matrimônio (formal ou informal), 6 (seis) referiram união consensual, 2 (duas) eram solteiras, 3 (três) separadas/desquitadas e 5 (cinco) viúvas. Uma mulher constituiu casamento religioso e civil, mas enviuvou.

Diante desse quadro, é possível afirmar que a maior parte (quatorze) das mulheres pesquisadas fez uso da informalidade, o que ratifica pesquisas antropológicas realizadas na capital amazônica durante o período de expansão da economia da borracha (1870-1920), as quais mostram o alargamento do número de uniões informais entre as camadas populares da cidade em decorrência, entre outros, da instabilidade do trabalho, da moradia, de bens materiais e patrimoniais – fatores que interferem na maneira como o sujeito se relaciona com o mundo e consigo e que, paradoxalmente, estão associados à autonomia da mulher pobre e trabalhadora (CANCELA, 2007).

## **2. “Eu Sou uma Mulher Guerreira”: percepções de mulheres provedoras**

No universo pesquisado, o cotidiano das mulheres revelou um quadro de complexidade unívoca. Se por um lado, há a permanência de práticas assinaladas pela desigualdade e submissão feminina, por outro, há experiências marcadas pela autonomia e

emancipação feminina, conforme relatam falas das entrevistadas<sup>1</sup>:

Agora acontece que eu vejo a mulher tem seu espaço assim, eu vejo assim um espaço que a mulher tem, que a gente não via antigamente, agora a gente já vê a mulher trabalhando normal, assim cada área de emprego tem pra ela, depende da mulher. Já vê a mulher trabalhando já como pedreira né? Já vê a mulher trabalhando como... assim... Assim com política, tem a Dilma, tem uma mulher já na política (ROSA, 2011).

Eu só digo que eu sou uma mulher guerreira. Eu tenho uma amiga que diz “tu é uma guerreira, por tudo que tu já passou tu é uma guerreira.”. E batalho eu corro atrás e não paro. Eu tenho esse meu irmão que trabalha comigo quando dá meio dia ele vem embora, eu não consigo. Eu não fico sem serviço. (BELADONA, 2009).

O discurso da mulher “guerreira” é recorrente em diversas falas e encontra-se sempre associado à relação família-trabalho. A conciliação desses dois elementos, longe de ser “natural” ao universo feminino, revela a capacidade de a mulher articular trabalho, necessário para a sobrevivência do grupo, com a criação e educação da prole.

Olha, pra mim uma mulher de sociedade ela não tem que ser submissa, ela tem que ser ela mesma, ela tem que depender dela mesma entendeu, ser uma pessoa guerreira que vai a luta e consegue entendeu [...] O que mudou porque ela se tornou mais independente, ela se tornou lutadora ela, ela, a mulher mudou pelo seguinte porque quando ela quer um objetivo ela vai em frente luta e consegue tanto que de primeiro você não via uma mulher presidente e hoje nós temos uma presidente, você não tinha uma mulher metida em política e hoje em dia a maior parte dos políticos das pessoas que se mete em política são mulheres e ganha (GABRIELA, 2011).

<sup>1</sup> Os nomes das interlocutoras foram substituídos por pseudônimos para garantir o anonimato das mulheres que compartilharam conosco um pouco de suas histórias de risos e prantos.

É por isso que a gente luta pra que a gente não faça um papel feio, a gente tem que mostrar que a gente é mulher, a gente é uma pessoa de garra, de luta e de muita força. Hoje em dia a mulher tem que viver independente do homem, tem que ter o seu trabalho, pra não tá pedindo nada pro marido porque a gente às vezes diz:

– Ah, paga uma conta minha?

– Ah, pra que tu quer? Tu não come e não bebe?

E nós tendo o nosso dinheiro nós não passa por isso (QUERIDINHA, 2011).

O exercício dessa relação não acontece sem conflitos. Rocha-Coutinho (2004), ao estudar a identidade feminina de mulheres universitárias de camada média carioca, considera que o discurso social incorporou o novo papel da mulher trabalhadora associado à doutrina da maternidade:

É bem possível que as mulheres atuais, assim como suas mães e avós, ainda relutem em abandonar o controle e poder que sempre tiveram, mantendo e reforçando a ideia de que a mãe é insubstituível no cuidado de seus filhos porque só ela, que os gerou e pariu, sabe como desempenhar bem esta tarefa (ROCHA-COUTINHO, 2004, p. 3).

Como consequência da incorporação deste discurso, para muitas mulheres brasileiras a família permanece uma prioridade, mesmo que para isso elas tenham que sacrificar possíveis satisfações em termos de crescimento profissional. Dessa maneira, conscientemente ou não, a mulher contribui para a manutenção do modelo masculino que ainda rege a sociedade.

No caso das mulheres estudadas e pertencentes à camada popular, a conciliação da esfera doméstica com o trabalho também é recorrente, visto que tendem a se dividir e multiplicar.

Hum... ser mulher tem que ter muita, muita garra pra ser mulher porque nós mulheres somos até melhor de que os homens pra cuidar de uma casa é, porque (risos) a gente trabalha fora, quando chega trabalha na casa da gente e a gente não sente cansada é a

mesma coisa, cuidar dos filhos, cuidar do trabalho, nós somos mais melhor de que os homens (QUERIDINHA, 2011).

Como se percebe, são mulheres e mães que, ao chegarem do trabalho, ainda têm que conciliar tempo e espaço para si, os filhos e os afazeres domésticos, proporcionando à família saúde, lazer, educação e afeto.

Embora limitações econômicas e de toda ordem não sejam exclusividade das famílias de mulheres provedoras, sobre elas recai o triplo estigma de gênero, raça e classe, pois o fato de ser mulher, negra e sem escolarização emperra sua entrada no mercado de trabalho formal, sendo impelida para um mundo adverso, instalado nas frestas da sociedade. Rocha-Coutinho também faz referências a essa “culpabilidade” entre as mulheres de camada média:

Frequentemente sem se dar conta, a mulher continua a contribuir para a preservação do esquema machista que prevaleceu na sociedade tradicional e contra o qual ela própria, ainda que amiúde apenas no nível do discurso, se rebelou. Assim, é possível que a mulher atual continue a ser levada a se dividir e multiplicar, carregando, como suas mães, uma imensa culpa por não estar se desempenhando como gostaria nas duas esferas, culpa esta difícil de ser resolvida (ROCHA-COUTINHO, 2004, p. 3).

Entre as interlocutoras, percebe-se a presença da desigualdade de gênero, como a violência contra a mulher e a divisão sexual do trabalho, ao mesmo tempo em que são evidenciadas mudanças na condição de mulheres provedoras, ampliando o poder decisório no âmbito familiar, assim também atitudes e comportamentos de insatisfação perante as desigualdades de gênero, raça e classe.

Embora os últimos anos do século XX tenham apresentado grandes mudanças nas relações entre homens e mulheres, não se pode superestimar essas transformações e nem acreditar que as desigualdades entre os gêneros tenham sido superadas, tanto no espaço público quanto no privado.

Novas possibilidades de trabalho feminino são lembradas enquanto conquistas. Espaços (como a política), antes delegados ao sexo masculino, agora surgem como novas possibilidades, porém, sempre associados ao espaço doméstico. Para essas mulheres, o trabalho sempre esteve presente:

Ah, é tudo, a gente (mulher) é muito guerreira, trabalha. Ah é muito bom a mulher cresceu muito né no mercado de trabalho, eu pelo menos eu sempre trabalhei, porque eu tive só um casal de filhos porque logo que a minha filha nasceu o meu marido teve problema né, até que ele faleceu desse problema. Aí eu tomei a frente de tudo, sempre trabalhei pra educar os meus filhos, pra tudo que, tudo que nós conseguimos hoje, até hoje foi sempre trabalhando. (WERÔNICA, 2011).

Eu sempre gostei de trabalhar né... eu me criei trabalhando junto com a minha mãe e eu não me acostumo a ficar dentro de casa, e eu sempre gostei de ganhar, de ter o meu dinheiro de ganhar o meu dinheiro, não ficar dependendo, entendeu? Nem de marido nem de ninguém. Eu sempre gostei de trabalhar pra mim ter o meu, independente de qualquer coisa (ORQUÍDEA, 2011).

Já trabalhei muito, hoje em dia eu tô... eu tenho uma pensão porque eu tive um acidente, quebrei os dois braços e a coluna aí me deram essa pensão aí é um amparo social que eu tenho é, eu recebo esse dinheiro de amparo social da coluna que eu quebrei e dos dois braços no acidente que teve comigo [...] Trabalhava, trabalhei muito pra criar meus filhos, muito, muito mesmo, trabalhei naquela companhia de pesca, lavando peixe, trabalhei numa ferraria, depois fui ser cozinheira de navio, tudo isso. Foi no meu último trabalho, era numa companhia de pesca que eu trabalhava aí eu escorreguei com uma bota lisa né, aí eu quebrei os dois braços e a coluna (QUERIDINHA, 2011).

Para essas mulheres de camada popular, os equipamentos urbanos são mais ineficientes; elas dificilmente contam com o apoio do Estado para deixar os filhos menores enquanto trabalham. A creche, por exemplo, não foi citada por nenhuma das dezessete

mulheres pesquisadas. As crianças iniciam a vida escolar a partir dos 6 ou 7 sete anos na pré-escola próxima à moradia delas:

Fiquei muito tempo cuidando só de filho, até ela (filha) tá cursando a 4ª série na escola, eu ficava com ela direto, eu não abandonei ela em nenhum momento (JADE,2009).

Segundo dados da PNAD (2006), a Região Norte apresentava o menor percentual de frequência escolar entre os grupos de idade de 0 a 17 anos. Para as crianças de 0 a 3 anos a estimativa corresponde a 8,0% enquanto a média nacional ficava em 15,5%, na Região Nordeste a frequência é de 13,3%, a Região Sudeste apresenta 19,2%, a Região Sul tem 18,3% e a Região Centro-oeste 11,5%. Nesse grupo de idade, a disparidade quantitativa era mais acentuada revelando um quadro de ausência de equipamentos públicos para atender essa demanda na região.

Outro dado importante de análise diz respeito à taxa de escolarização por gênero. As mulheres da Região Norte possuíam estimativa de 69,9% enquanto para os homens esses números correspondiam a 69,1%, uma pequena vantagem para as mulheres de 0 a 17 mulheres, com mais acesso à educação. Contudo, essa diferença não se traduzia em melhores condições no mercado de trabalho.

Para Goldenberg (2000b, p. 109), em fins do século XX, 70% das mulheres brasileiras estavam concentradas em um pequeno número de ocupações, consideradas como “guetos tipicamente femininos”, são elas: empregadas domésticas e trabalhadoras no campo, as de menor instrução; secretárias e balconistas, as de nível médio; professoras e enfermeiras, as de maior escolaridade.

Contudo, alheias a essas adversidades, as mulheres pesquisadas em nenhum momento falaram de “culpa” ou “medo”. Ao contrário, seus discursos integravam harmoniosamente os papéis sociais:

mãe, dona de casa e trabalhadora. O discurso da “culpabilidade”, ao que parece, não tinha espaço entre as interlocutoras, visto que citavam atitudes como: garra, luta, força e resistência. Características tradicionalmente associadas ao universo masculino, matizando a figura feminina como ser passivo e subserviente. Ou seja, antes de pensar em masculino *versus* feminino, homem *versus* mulher e em papéis sociais concorrentes entre os sexos, as narrativas sugerem a flexibilidade e pluralidade no exercício dos papéis sociais.

A conciliação entre família e trabalho para elas não é novidade, nem tão pouco sacrifício, visto que denota a mulher sempre pronta para enfrentar as adversidades cotidianas. Ser pai e mãe é a expressão da “mulher guerreira” latente em cada uma.

### 3. “Se Ele Pode, Eu também Posso”: o discurso da “chefia compartilhada”

<sup>2</sup> O termo “chefe de família” foi adotado nas primeiras entrevistas e evitado nas demais, pois se considerou que as mulheres quase sempre faziam referência ao valor ideológico do mesmo.

Quando questionadas sobre quem representava o “chefe de família”<sup>2</sup>, havia uma associação imediata à figura masculina do homem provedor, como relatou uma entrevistada:

P= quando perguntam quem é o chefe da família, o que tu dizes?

R= eu digo que é ele.

P=mais quem comanda mais a família de fato, é ele ou tu?

R= é eu... eu acho que a gente comanda igual, porque não existe aquela coisa assim, quem é mais, quem é menos, sempre trabalhamos em parceria a gente combina tudo, eu dou tanto, tu dá tanto, porque na época eu ganhava bem mais. Trabalhava como agente de saúde, com um salário e mais um pouquinho, e lá na urgência eu pego R\$600,00, R\$700,00 reais. Aí o meu salário era bem maior do que o dele.

P=e quando vocês tinham que decidir alguma coisa?

R= a gente decidia junto, nenhum manda mais que o outro. E eu nunca fui aquela pessoa assim, ai meu Deus do céu, eu vou receber

dinheiro, eu vou fazer tudo, não. Eu mandava minha filha tirar o dinheiro. Filha pega o dinheiro, tira e dá pro teu pai. E ele como homem, ele tem bem mais responsabilidade, porque ele vai decidir. (JADE, 2010).

P= És tu quem paga as contas?

R= É eu.

P= Mas a decisão é em conjunto?

R= É conjunto.

P=Então porque tu dizes que ele é chefe da família?

R=Porque ele que é o homem (risos).

E continua:

L= Mas então na tua opinião, o que é essa chefia? O que define?

I=Na minha opinião seria os dois, a gente decide tudo em comum acordo, então ninguém manda mais do que ninguém. Se ele pode, eu também posso. Se ele dá, eu também dou. Mais aí quando fica aquela coisa... pra não diminuir ele, e tudo mais, aí fica....

L= Porque ele fica constrangido?

I= Fica. Porque ele que é o homem da casa. Aí ta, então não seja por isso, eu não me importo.

L= Mas como tu pensas que deve ser essa chefia da família?

I= eu acho que deve haver sempre um diálogo na família, pra sempre dividir tudo por igual, porque se não só eu for dá, não vai conseguir nada, nunca vai crescer, porque ele vai dizer: \_ não meu dinheiro é pra isso, pra aquilo e pra aquilo, então nunca vai crescer. Então é dividido, tu da X, eu dou x, então bora fazer isso aqui. (JADE, 2010).

A fala de Jade possui forte conotação ideológica acerca do tema em questão. Diversos elementos surgem nessa conversa: a distribuição equitativa das responsabilidades, masculinidade, o aspecto ideológico da chefia e a chefia compartilhada.

A distribuição equitativa das responsabilidades entre a mulher e o homem, no que concerne ao pagamento das despesas domésticas, assegura à mulher maior autonomia no espaço doméstico. Ao afirmar “se ele pode, eu também posso” a entrevistada faz referência ao compartilhamento de despesas, tarefas e diálogo entre o casal. Contudo, para a sociedade, isto é, para as pessoas de fora do grupo doméstico, a presença masculina é importante para a manutenção da moral familiar (SARTI, 1985). Ainda que, na prática, ela trabalhe mais que ele, ou o salário da mulher seja superior ao do homem, ou ainda ela seja a principal responsável pelas decisões que cercam o espaço familiar.

Outras mulheres também apresentaram dificuldades em discorrer sobre a temática, às vezes pediam para repetir a pergunta, outras vezes repetiam-se falas, outras ficavam em silêncio. Diversas foram as formas de manifestação desse tema que parecia tão confuso para as mulheres pesquisadas, pois para muitas o homem representa “naturalmente” o chefe ou o “cabeça da família”.

Ah.. hoje eu vejo... O homem na família que é o chefe né, da família... não tanto quanto antigamente. Hoje em dia eu acho que algumas famílias tem possibilidade, tem muitos que não tem. [...] Quando o homem não tem é a mulher que assume, eu acho agora quem tá assumindo mais é a mulher do que o homem (ROSA, 2011).

Para essas mulheres a “chefia familiar” encontra-se fortemente associada ao fator econômico e cultural. Contudo, apesar do forte apelo da representação do homem provedor, elas convivem, não sem tensões, com diferentes modelos de família. O crescimento das mulheres provedoras também é notado por elas que não veem com preocupação o fato, acostumadas a presenciar suas mães, avós, tias, primas, amigas e conhecidas sustentando sozinhas a família. Para essas mulheres, a noção de “chefia familiar” é ampliada e, diria, relativizada:

É ter responsabilidade, é assumir uma responsabilidade da casa entendeu; falta tal coisa você é uma chefe de família, falta tal coisa eu chego com você, olha tá faltando isso, isso, isso... olha eu quero fazer isso, isso, isso agora se você não me der abrigo eu não vou mais com você, porque eu acho que um chefe de família ele tem que ser pai, mãe, dono da casa e responsável pela casa[...] Eu me considero uma chefe de família porque até a data de hoje eu nunca deixei os meus filhos sem uma conversa, sem um conselho, sem uma orientação, sem nada, ser chefe de família não é só vestir uma calça eu sou o homem eu sou o dono da casa não você tem que ter uma responsabilidade dentro da sua casa, se você não tem uma responsabilidade dentro da sua casa, você não pode ser o chefe de família, muitas das vezes uma mulher é mais chefe de família do que o homem, tá (GABRIELA, 2011).

O chefe de família pra mim é aquele que é responsável por tudo, pela casa, pelos filhos em relação ao estudo dos filhos, do bem-estar à educação [...] Pra mim é quem da a última palavra, porque as vezes os meus filhos pintam e bordam com o pai (risos). Ai se torna um pouco difícil (SAMAMBAIA, 2011).

Eu criei eles sozinha, sendo pai, sendo mãe. Só eu criei eles [...] Eu acho que eu sou uma mãe de família. (risos) Porque eu acho que a mãe solteira é aquela que é só a mãe e o filho. Aqui não, tem as minhas irmãs. Essa daí também, viveu muito tempo sozinha, criando filhos, agora não, agora, agora tem esse rapaz aí, muito gente boa que ela conheceu. A outra não, parece que já tem trinta e poucos anos, já é casada e sempre viveu com o marido dela (BELADONA, 2010).

Para as mulheres, a noção de *responsabilidade* está muito presente na temática. Ser provedora é ter responsabilidades. Ser homem, ter trabalho e prover a família não é suficiente para caracterizar a “chefia familiar”, porque esta extrapola os condicionantes econômicos, na medida em que essa chafia também significa participação na educação dos filhos orientando, dialogando e dividindo tarefas com os mesmos:

P – Depois de ter passado todas essas experiências, como é que a senhora acha que deve ser o papel do homem e da mulher dentro de casa?

R – Deve ser igual, cada um faz uma coisa. Parceria

P – Em que?

R – Em cozinha, lavar louça, limpar. Vamos dizer assim, eu faço mais do que ele porque geralmente a mulher tem mais coisa que o homem. Eu observo tudo, eu sei quando é para limpar isso, eu sei que aqui tem que jogar esse lixo. Eles sabem todo dia do carro do lixo, algumas vezes eles esquecem.

P – Deve ser igual? Então não tem mais essa coisa do homem ser o chefe de família, o responsável?

R – Tem que ser dividido, parceira. A não ser se que esteja um desempregado. Um vai dar apoio para o outro. Quando tem uma família dentro de uma casa que todos trabalham, todos têm que se ajudar. Também quando trabalham é sinal de que ninguém para nessa casa, então quando um chega primeiro tem que fazer [o serviço]. Quando é homem, tem a pessoa que vai determinar: “Não quero essa pia cheia de louça! Eu não quero essa mesa suja!” Eu não quero, não, não. É um negócio muito difícil. Nós devemos é deixar a casa limpa, usou, lavou. Eu acho que é assim, senão um vai ser mais sacrificado. Na história aqui vai ser eu. Porque ai vai sobrar para mim e assim não; cada um lava o seu, lá em cima eles limpam (VIOLETA, 2009).

O chefe da família é quem possui a responsabilidade sobre o grupo, isto é, quem executa ações, ao mesmo tempo em que delega afazeres aos demais membros da família. E, não somente ações, mas, fundamentalmente, é quem circula entre as diferentes esferas da família, coordenando o grupo doméstico. Contudo, desconstruindo a noção clássica de “chefia”, para as interlocutoras o responsável pela família precisa antes de tudo exercer seu poder de “parceria”, no sentido de estabelecer relações de bom convívio com pessoas que possuem interesses em comum, o grupo familiar.

#### **4. Sobre a “Distribuição das Tarefas Domésticas” e o “Cuidado com as Crianças”**

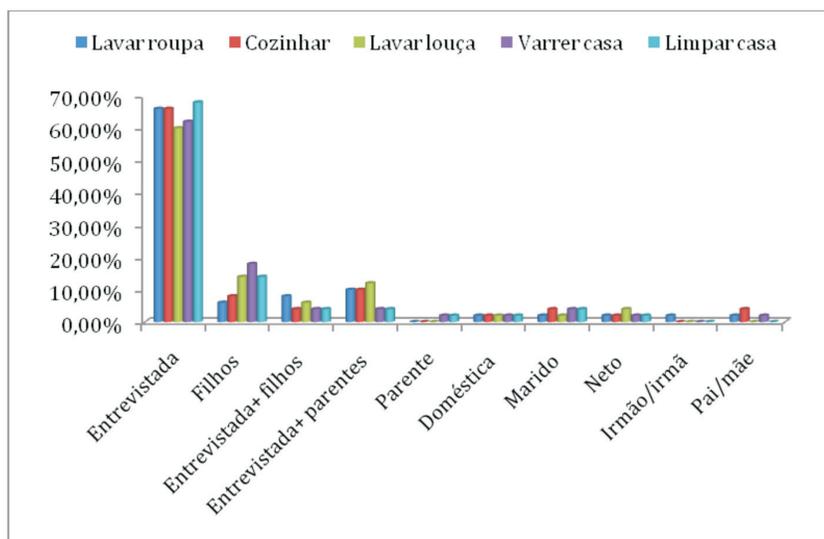
A dinâmica familiar foi observada em questionários versando a respeito da distribuição das seguintes tarefas domésticas: lavar

roupa, cozinhar, passar roupa, varrer casa, lavar louça, limpar casa, consertos em casa e cuidados com os doentes.

Nas cinco primeiras atividades, a mulher é a principal responsável em mais da metade das respostas (60% a 68%); em segundo lugar, ela é a principal responsável mais com a parceria de parentes (4%, 10% e 12%); os filhos obtêm a terceira colocação (6%, 8%, 14%, 18% e 14% respectivamente), e em quarto aparecerem os filhos e a entrevistada como principais responsáveis (8%, 4% e 6%) pelas atividades domésticas de lavar roupa, cozinhar e lavar louça. Nota-se que entre as respostas dadas, a “entrevistada” esteve presente em nada menos que mais de dois terços das atividades com percentual de 84%, 80%, 78%, 88% e 90%.

Nota-se a persistência de um modelo tradicional que atribui à mulher a responsabilidade das atividades relacionadas aos cuidados com a casa. Para fins de facilitar a leitura desses dados, veja-se os resultados nos gráficos a seguir:

**Gráfico 1: Distribuição das Tarefas Domésticas**



**FONTE:** Coleta em Campo, 2009, 2011,2012.

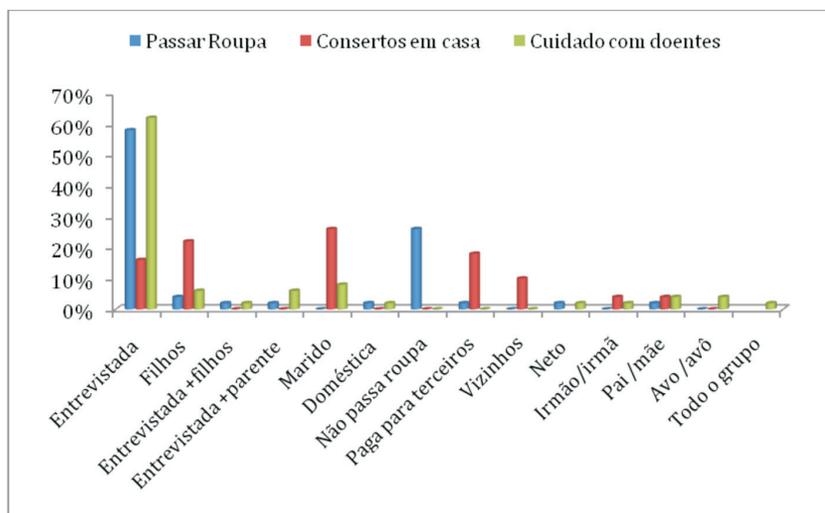
Não menos importantes são os outros sujeitos que participam dessa atividade em menor número. Causou surpresa o fato de haver uma empregada doméstica (2%) prestando serviços a uma das mulheres pesquisadas, revelando a precariedade dessa atividade. O marido e neto respondem por 2% a 4% das atividades investigadas. E o irmão/irmã e pai/ mãe foram citados, principalmente na limpeza da casa (2%). Na ação de cozinhar, somente aparecem pai/ mãe (2%).

As categorias “passar roupa” e “consertos em casa” foram analisadas em conjunto. A atividade “passar roupa” mereceu tabela específica, pois houve a entrada de novas respostas como: não passa roupa (26%) e paga para terceiros (2%). Embora a ação fosse responsabilidade principal da entrevistada (58%), um número razoável de mulheres declarou não passar roupa. Vale ressaltar que essa afirmativa enseja outras questões a serem respondidas, visto que não foram devidamente investigadas. Esse assunto é interessante porque suscita ideias como: não passa roupa porque não possui ferro (o que é pouco provável dada a facilidade de se adquirir esse eletrodoméstico), outra ideia recorrente pode ser que as roupas da casa não necessitem ser passadas a ferro (o que também parece improvável a família não possuir roupas de pano que amassem e precisem ser passadas) e, por fim, pode-se pensar na tentativa de economia de energia, o que parece mais provável dada a situação de carência em que se encontrava o grupo estudado.

Quanto à categoria “consertos em casa”, o marido responde por 26%, isto é, pouco mais de um terço dos dados, seguido pelos filhos que somam 22% e a entrevistada responde por 16%. Em quarta colocação: o serviço de terceiros com 18%; os vizinhos, com 10%; e os irmãos/irmãs e pai/mãe, cada um, 4% das respostas. Ressalte-se que a entrevistada não aparece entre a primeira colocada, cedendo lugar para o marido e os filhos.

A categoria “cuidado com doentes” destaca-se pela amplitude das respostas, conforme o gráfico 2. Contudo, a presença da entrevistada é significativa representando 70%; o marido assume 8% das respostas, conquistando a segunda colocação, seguido pelos filhos com 6%; pai/mãe e avó/avô respondem por 4% cada e, não menos relevante, os netos, irmão/irmã e a empregada doméstica com 2% cada um. Um dado interessante diz respeito à resposta que visualiza todo o grupo doméstico como responsável pelo cuidado com os doentes (2%).

**Gráfico 2: Distribuição das Tarefas “Passar Roupa”, “Consertos em Casa” e “Cuidado com Doentes”**



**FONTE:** Coleta em Campo, 2009, 2010, 2011.

Persiste a tradicional divisão sexual do trabalho que atribui ao gênero feminino uma multiplicidade de características associadas a atributos ou qualidades “naturais” das mulheres, tais como: os cuidados com o espaço doméstico e a família, enquanto os homens ficam responsáveis pelos consertos da casa.

Outra questão é o fato de haver empregada doméstica em uma das famílias estudadas, pois as áreas pesquisadas são conhecidas como localidades de grande vulnerabilidade social, onde os moradores estão inseridos em um contexto de precário acesso aos equipamentos urbanos como: postos de saúde, creches, escolas, transporte, saneamento etc. Nesse sentido, essas trabalhadoras estavam prestando serviços para pessoas que se encontravam em situação social não muito distante da sua própria realidade, caracterizando a fragilidade do serviço realizado pela doméstica, no que concerne a inexistência dos vínculos empregatícios, igualmente, dos benefícios sociais como: aposentadoria, 13º salário, férias, seguro desemprego, Fundo de Garantia do Trabalhador Social (FGTS), hora extra e outros.

Nas atividades tradicionalmente consideradas femininas como lavar roupa, cozinhar, lavar louça, varrer e limpar casa a presença masculina ainda é insignificante se comparada ao público feminino, revelando a persistência histórica de um modelo de família que condena a mulher às funções de reprodução, enquanto o homem encontra-se associado à produção. Contudo, em camadas populares, esse modelo ideal precisa ser atualizado dadas as dificuldades do homem em garantir sozinho a subsistência do grupo familiar.

Também foi investigado a respeito do cuidado com as crianças menores. Por meio de uma tabela, procurou-se quantificar o número de vezes que a entrevistada, o cônjuge, os parentes ou outras pessoas exerciam determinados cuidados com as crianças como: vestir e dar banho, dar comida, levar ao médico, por para dormir, levar ou pegar na escola, acompanhar nas atividades

<sup>3</sup> A categoria “outros” compreende as próprias crianças quando já estão em idade de exercer as atividades.

escolares e passear. Neste sentido, verificou-se que, em todas as atividades alocadas, a principal responsável é a mulher, seguida pelas categorias “outros”<sup>3</sup>

e “parentes”<sup>4</sup>; e por fim, o cônjuge aparece em último lugar, no que tange aos cuidados com as crianças.

Das atividades relacionadas, a frequência da mulher comparativamente à dos demais executores, constatou-se os seguintes percentuais: “passeio” (60%); “levar ao médico” (56%); “acompanhar as atividades escolares” (46%); “por para dormir” (40%); “levar ou pegar o filho na escola” (36%); “dar comida” (30%); “vestir e dar banho” (28%).

<sup>4</sup> A categoria “parentes” compreende a mãe biológica da criança (em um caso onde a criança é criada pela avó materna), a irmã da entrevistada, filhos (as) mais velhos (as) da entrevistada e a neta mais velha da entrevistada. Vale frisar que em todas as ocasiões tratava-se de pessoas do sexo feminino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos aqui comentados revelam que, embora os condicionantes sociais, históricos e econômicos sejam importantes para projetar os caminhos traçados individual e coletivamente, eles não podem ser pensados de maneira estanque, visto que, nossas interlocutoras nasceram em uma época de poucas oportunidades para as mulheres, em situação social adversa, dada a condição econômica, raça/etnia e gênero não oportunizar mobilidade social para as mulheres. Todavia, a rede de relações construída pelas mesmas foi decisiva para redefinição do projeto individual e familiar.

A situação de precariedade era visível nas condições de habitação, acesso à educação, saúde, mercado de trabalho, constituindo obstáculos para essas mulheres e sua prole. Contudo, mesmo diante das adversidades sociais, econômicas e, até, históricas, os relatos dessas mulheres revelam estratégias de enfrentamento e resistência presentes na própria história de vida. Cada uma, à sua maneira, demonstrou diferentes percepções e reações em torno da situação vivenciada. Elas adotavam estratégias que iam desde o trabalho infantil auxiliando na manutenção de suas famílias de

origem, passando pelas redes de solidariedade entre familiares, parentes e vizinhos, até a busca por recursos junto ao poder público. Salienta-se que é no cotidiano que tais relações são construídas e alicerçadas e, portanto, esse constitui o espaço onde as relações de gênero necessitam ser repensadas e revisadas.

No que tange à categoria trabalho, a estreita relação entre o projeto individual e o familiar pode ser considerada decisiva para redimensionar o projeto de vida do grupo familiar, haja vista a interligação entre passado, presente e futuro, pensados não de maneira seccionada, mas tecidos no cotidiano das relações sociais.

A própria condição de mulheres provedoras não é fixa ou continua, mas sim, dinâmica, visto que, as mulheres oscilam entre situações de emprego e desemprego e, também, entre uniões conjugais e separações. Mormente, essa última situação já estabelece uma diferenciação entre a mulher provedora com ou sem a presença do companheiro/marido. Entre as mulheres pesquisadas, nota-se que a presença do homem não exime a responsabilidade da mulher provedora no que tange ao compromisso com o trabalho, embora minimizada, pois a mulher tem alguém com quem dividir as despesas domésticas. Ao contrário da mulher que não conta com a participação masculina e que, portanto, precisa cuidar sozinha da manutenção da família. Nesse sentido, a união conjugal nem sempre pode ser pensada como suporte financeiro, pois em alguns casos são as mulheres que conseguem aferir maior rendimento monetário que os companheiros, e manter-se empregadas a maior parte do tempo. Assim, a ideia recorrente ao senso comum de que o casamento possibilita estabilidade e segurança financeira à mulher precisa ser relativizada em um contexto, no qual o mercado de trabalho informal proporciona mais oportunidades ao público feminino

do que ao masculino, pois mesmo diante de condições adversas no acesso a esse mercado, como é o caso das interlocutoras da pesquisa, o serviço doméstico é a porta de entrada de muitas dessas mulheres.

Ainda sobre a divisão sexual do trabalho, nota-se a prevalência da desigualdade de gênero, pois essas mulheres ao mesmo tempo em que assumem a provisão de suas famílias, continuam sendo as principais responsáveis pelo cuidado com os filhos e com as tarefas domésticas. Na existência de companheiros, é pouca a participação destes nos serviços domésticos.

Nesse contexto, há uma situação paradoxal, visto que, ao mesmo tempo em que essas mulheres possuem uma sobrecarga de trabalho, é no ambiente doméstico que se concretiza o poder feminino, embora precise ser relativizado na medida em que algumas mulheres têm o “chefe” simbolizado na figura masculina, quer seja o companheiro ou os filhos. O trabalho representa ao mesmo tempo um indicativo de sobrecarga de tarefas, mas também, de autonomia em contexto familiar. A frase proferida por algumas dessas mulheres “eu sou pai e mãe” denota essa ambiguidade. Contudo, faz-se uma ressalva a respeito da importância da figura masculina nesse contexto, pois é vista como a representação moral da autoridade e respeito da casa e da família diante da esfera pública.

Para finalizar, compreende-se que a relação construída entre o trabalho e a família apresenta caráter paradoxal. Se de um lado consiste em uma duplicação de afazeres, de outro confere autonomia a essas mulheres, na medida em que permite a descoberta e desenvolvimento de suas capacidades para a superação de problemas individuais e coletivos.

## REFERÊNCIAS

CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém 1870-1920)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Econômica. Universidade de São Paulo. 2006.

\_\_\_\_\_. Destino cor-de-rosa, tensão e escolhas: os significados do casamento em uma capital amazônica (Belém, 1870-1920). In: *Cadernos PAGU*. Campinas, nº 30, jan./jun. 2007.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2ª Ed. Rev.: São Paulo: Brasiliense, 1995.

GOLDENBERG, Mirian (Org.). De Amélias a Operárias: Um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações conjugais. In: Goldenberg, Mirian. *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000b.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD, 2005*.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD, 2006*.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. In: *Revista Temas de Psicologia*. UFRJ, volume 12, número 1, 2004.

RODRIGUES, Carmem Isabel. *Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano*. Belém: NAEA, 2008.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX*. Marco Zero/ Secretaria da Cultura, São Paulo, 1989.

\_\_\_\_\_. Tendências Atuais da história da família no Brasil. In: *Pensando a família no Brasil da colônia à modernidade*. ALMEIDA, Ângela Mendes et al (Org.). Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRJ, 1993.

\_\_\_\_\_. *Família, mulheres e povoamento*: São Paulo, século XVII, Bauru, SP: EDUSC, 2003 (Coleção História).

\_\_\_\_\_. Família e vida doméstica no Brasil: do engenho aos cafezais. *Estudos CEDHAL* n. 10. Humanitas, São Paulo, 1999.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho*: um estudo sobre a moral dos pobres. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Revista Educação e Realidade*, v. 16, n. 2, p. 5-22, dez. 1990.

SCOTT, Parry. *Mulheres chefes de família*: abordagens e temas para as políticas públicas. Trabalho apresentado no Pré-Evento Mulheres Chefes de Família: crescimento, diversidade e políticas, realizado em 4 de novembro de 2002, Ouro Preto-MG pela CNPD, FNUAP e ABEP.

\_\_\_\_\_. *Famílias brasileiras: poderes, desigualdades e solidariedades*. Recife: ED. Universitária da UFPE, 2011. (Série Família e Gênero, n.14).

SILVA, Lana Claudia Macedo. *Mulheres provedoras*: trajetórias amorosas, trabalho e família. Tese de Doutorado em Sociologia. Belém: Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. UFPA. 2012 (mimeo).

WAGLEY, Charles. (1977). *Uma comunidade amazônica*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1977.

WOORTMANN, Klaas. *A família das mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília, CNPq, 1987.

WOORTMANN, Klaas & WOORTMANN, Ellen. *Monoparentalidade e chefia feminina: conceitos, contextos e circunstâncias*. Brasília: UNB, 2004 (Série Antropologia).